

A ABORDAGEM DA IMPRENSA SOBRE O SUICÍDIO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Ana Carolina Siqueira Soares

Pós-graduação em Jornalismo para TV e Mídias Eletrônicas

Faculdade Ratio

RESUMO

Este trabalho procura mostrar como o suicídio tornou-se uma delicada preocupação na sociedade moderna e como é possível existir um canal de comunicação a fim de pautar o tema de forma correta e humana, sendo aqui sugerido que esse canal seja a Imprensa. O objetivo geral é entender o efeito da abordagem da imprensa sobre o tema suicídio. Foi possível perceber a ampla concordância de que a Psiquiatria e a Imprensa podem trabalhar em conjunto para atingir o objetivo da compreensão sobre o suicídio, contanto que haja o preparo adequado para os jornalistas profissionais a partir, por exemplo, da consulta ao documento *Preventing suicide: A resource for media professionals*, disponibilizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2000). Assim, concluímos que há como pautar o suicídio eticamente e o quão importante é a pontuação da imprensa em relação a este tema, tratando-o de forma que encoraje a prevenção.

Palavras-chave: Suicídio; Mídia; Jornalismo; Prevenção, Imprensa.

ABSTRACT

This article seeks to show how Suicide became a severe issue in modern society and how it is possible to exist a correct communication channel, able to do an accurate verification of this subject in an ethic and humanitarian form. The proposed communication channel, in this case, is the Press. The General Objective is to inspect the influence of the approach done by the press about the topic Suicide. The result was the agreement that psychiatry and the press are able to work together to reach the common objective of comprehension of suicide, with the condition of the proper training for the professionals that work in the journalism based, by example, in the reading of documents like the *Preventing suicide: A resource for media professionals*, published by the World Health Organization (WHO, 2000). In conclusion, it is viable to approach Suicide ethically. Besides, it is indispensable for the Journalism to make clear its position about this issue, treating in a manner that can encourage the prevention.

Keywords: Suicide, Media, Journalism, Prevention, Press.

01. Introdução

Sublinhando algumas etapas na história da construção da imprensa até seu modelo atual, podemos citar as *Actas Diurnas* concebidas pelo imperador romano Júlio

César em 59 A.C, atribuídos como os primeiros jornais criados; a invenção da prensa do alemão Johannes Gutenberg, em 1447, que permitiu rapidez e um preço acessível na impressão dos jornais; a invenção do rádio e televisão, nos anos 1920, e o advento do Webjornalismo, no século XXI. Ainda que de forma não totalmente imparcial, como no caso das Actas Diurnas, que tinham função principal de divulgar os feitos positivos do império romano, o efeito em comum da imprensa destas épocas era levar informação ao povo, esta sendo ainda sua maior característica nos dias atuais.

Porém, a imprensa possui uma capacidade ainda pouco explorada, que é trazer conhecimento visando à prevenção do suicídio, apesar deste já ser classificado como um tema que necessita atenção específica por diversas entidades de saúde, como a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), em seus relatórios anuais.

Segundo o último relatório anual *online* divulgado por estas organizações no portal oficial da OPAS¹, a morte voluntária é a “segunda causa de morte entre jovens de 15 e 29 anos, ocorrendo 800 mil mortes por ano no mundo”. Entre os vários motivos que levam ao ato, um dos principais seria a abordagem incorreta sobre o assunto na mídia, que não traz a informação necessária que ajude na campanha de prevenção. Ao mesmo tempo, ainda existe uma dificuldade na imprensa em geral em como abordar o tema de forma ética e que vá além do sensacionalismo.

Surgem, então, os questionamentos: como seria possível alcançar maior sucesso na campanha de prevenção do suicídio? Será que o alcance que a imprensa tem para com o público não seria um aliado? Será que a referência que a imprensa possui como fonte de conteúdo seguro não seria o ideal para disponibilizar as tais informações necessárias para iniciar um diálogo correto e completo sobre o suicídio? Indo mais a fundo, pode-se questionar também: por que foi criada a norma de que é preferível não publicar notícias sobre o assunto nas redações? Qual o padrão para o assunto ser abordado atualmente? Qual seria o modo correto de abordar o tema?

A Imprensa, apesar de ser composta por um coletivo de empresas comerciais que visam ao lucro, em teoria, deveria ter um dever para com o público e, portanto, uma obrigação em contribuir naquilo que é possível para o bem-estar social. Não deveria seu

¹Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 17 de maio de 2019.

objetivo maior ser a boa saúde da sociedade que não só consome seu produto, mas fornece a base para que aconteça a informação?

Em uma era na qual a internet disponibiliza uma sobrecarga de conteúdo confuso, incorreto e, em casos extremos, até criminoso, o público necessita de uma fonte segura e confiável que lhe diga que passos são necessários tomar para conseguir a solução para as questões que prejudicam sua vida. Nesse momento, a Imprensa se torna capaz de trazer a informação até às pessoas aliando o dever social que todo ser humano deveria ter: ajudar o outro.

02. Metodologia

Em um plano de etapas, baseamos a metodologia do artigo nos seguintes passos: a consulta bibliográfica de autores voltados para o assunto como Minois (2018), com seu livro “História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária”, e documentos, físicos e digitais, como o manual disponibilizado pela OMS “Prevenção ao Suicídio: um manual para profissionais da mídia” e o manual “Comportamento suicida: conhecer para prevenir, dirigido para profissionais de imprensa”, disponibilizado pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), além de outros, focados especialmente na explicação da caracterização do suicídio, possibilidades de auxiliar na prevenção e instrução para profissionais da mídia em como abordar o tema.

Também realizamos observação direta em alguns eventos, como palestras e mesas-redondas, que pautaram o assunto, nos quais diversos tipos de profissionais e espectadores se reuniam para discutir a temática, é o caso do “Vida em Pauta: Como Tratar o Suicídio na Mídia”, ocorrido no dia 20 de outubro de 2018 em Fortaleza (CE), organizado pela Procuradoria-Geral da Justiça através da Escola Superior do Ministério Público como parte do projeto “Vida em Pauta: O Ministério Público e a sociedade pela prevenção do suicídio”. Muitos desses agrupamentos foram organizados por núcleos já engajados na conscientização sobre o suicídio, como o Núcleo de Avaliação Psicológica em Saúde da Universidade Federal do Ceará (NAPSIS-UFC).

Também procedemos com a realização de entrevistas abertas com profissionais ligados a essa problemática, como é o caso do psiquiatra Raimundo Araújo de Melo e da jornalista Ana Márcia Diógenes, cujos depoimentos ajudam a esclarecer melhor o que é o suicídio, sua atual influência na sociedade, mostrando os seus pontos de vista sobre o tema e sobre o questionamento que levantamos a respeito de como a imprensa

deve abordar o tema suicídio de forma que desperte interesse coletivo pela prevenção do mesmo.

03. Explicando o Suicídio

George Minois (2018) destaca *Hamlet*, do escritor inglês Shakespeare, como uma obra que resume bem o ponto que a literatura mais usa para retratar o suicídio. “Os imperativos e os limites da condição humana justificam que se prolongue a vida?” (MINOIS, 2018, p. 105). Ao se perguntar “ser ou não ser”, Hamlet traria a questão primal que perpetuaria o imaginário literário e que tocaria o coração de muitos que já possuíam tais dúvidas. Apesar dos sofrimentos e das batalhas, valia a pena viver?

O suicídio é um tema possível de ser classificado como complexo e intricado desde a antiguidade por ter suas causas mutáveis de acordo com o ambiente, a Filosofia, a saúde física e mental e o impacto religioso e cultural. Um pequeno exemplo demonstrado pelo próprio Minois (2018), que acontecia na Idade Média, seriam os “suicídios lúdicos, assim como duelos judiciais e as diferentes formas de julgamentos divinos.” (Minois, 2018, p. 11), ilustrando assim como havia diferentes formas do suicídio ser visto direta ou indiretamente sobre uma comunidade.

Durante a realização de entrevista ocorrida no dia dezessete de abril de 2019 com o psiquiatra Raimundo Araújo de Melo, ex-presidente da Cooperativa dos Psiquiatras do Ceará (COOPEC), ele esclarece que o suicídio:

“No geral, representa um alívio, o fim do sofrimento que padecem. Às vezes, a possibilidade de se encontrar com algum familiar já falecido: pai, mãe, filho, etc. A fantasia do reencontro. Ainda há o suicídio por alguma causa social, religiosa ou política: caso dos homens ou mulheres-bomba muçulmanos. Ainda os pilotos kamikaze japoneses na Segunda Guerra Mundial. Também o alívio de doenças físicas terminais como câncer, com dor intensa, ou doenças incapacitantes, em que o paciente fica totalmente dependente do outro.”

O desejo de fuga momentânea, portanto, é um mecanismo de defesa do ser humano. Poder estar longe de tudo aquilo que parece pesado e alcançar uma paz utópica, uma vez que, por mais que se possa fugir de um lugar e de outros, não é possível fugir de si mesmo. A consequência disso é, na maioria das vezes, segundo matéria de autoria de Ana Paula de Araújo, publicada em 2016 no portal *Minha Vida*², a busca de consolo em álcool e drogas, depressores do sistema nervoso central que,

²Disponível em: <https://www.minhavidade.com.br/saude/galerias/13252-habitos-tipicos-da-depressao-podem-piorar-o-quadro-da-doenca>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

aliados à impulsividade e a um desespero desproporcional, passam a projetar, na mente do sujeito, o suicídio como solução, e o contínuo tabu em cima do tema acaba permitindo uma fantasia em cima deste.

Torna-se necessário compreender que sentir desesperança ou falta de motivação em algum momento da vida é algo característico da essência humana e lutar para não sentir tal emoção pode não ser a solução, sendo ideal saber como lidar com esse momento. No entanto, temos conhecimento que a acelerada rotina atual, consequência da globalização que se fortaleceu no século XXI, estimulada pelo estilo de vida tecnológico, que sustenta um cotidiano baseado em prazer e júbilo em muitos momentos da vida, e estimulado por *coachs*, que trabalham com a teoria de que você consegue conquistar aquilo que se deseja se quiser, mas não mencionam que nem sempre o querer será suficiente para dar certo, não permite tempo para si mesmo.

Torna-se hoje mais fácil ignorar um conflito interno recorrente do que buscar ajuda. Afinal, onde está essa ajuda? Psicólogos e psiquiatras estão disponíveis em clínicas especializadas e nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), mas o tempo é algo crucial para quem sente o ímpeto de se machucar.

A internet, apesar de possibilitar a divulgação de organizações que buscam oferecer apoio e tratamento para quem sente o impulso suicida, precisa de apenas uma palavra mal posicionada para abrir um leque de discursos que encorajam o suicídio. Além disso, ela pode ensinar métodos diferentes, chegando, inclusive, a oferecer desde pesticidas até armas a preço acessível.

Entre quem compartilha um desejo pelo fim do sofrimento, àqueles que demonstram ideias suicidas, o diálogo aparenta uma falta de expectativa em um futuro melhor, mesmo que seja apenas o dia de amanhã. O Centro de Valorização À Vida (CVV) oferece apoio 24 horas garantindo o anonimato de quem busca ajuda, mas ainda pode ser feito mais. É necessário um círculo completo de esclarecimentos e suporte para prevenir que o suicídio aconteça e isso envolve desde a família até, no caso o objeto de estudo, a imprensa, talvez a mais capacitada para quebrar os tabus que dificultam o diálogo, mas vítima destes mesmos estereótipos.

No entanto, obter dados verídicos e exatos sobre o suicídio não é tarefa simples, pelo motivo de que, reconhecemos, o suicídio possui extrema dificuldade de ser estudado por, entre vários fatores, dificuldade de encontrar informações claras sobre

este tema. Minois (2018) explica que os documentos que se referem a mortes por causas naturais são diferentes dos documentos referentes à “morte voluntária”, por esta ser considerada uma afronta direta a Deus. Restam então fontes de comunicação mais informais, como crônicas, jornais e literatura.

Ao checar essas fontes, percebe-se uma correlação de tabus e ideias, mesmo entre grandes diferenças de anos e épocas, como da Idade Média até o Renascimento e o Iluminismo, mas também algumas características ímpares. Minois (2018) explica também que havia substitutos para a ideia de “homicídio contra si mesmo”, como as guerras.

Onipresente, a guerra é, ao mesmo tempo, um derivativo essencial de punções suicidas e uma proteção contra o suicídio direto. (...) a coesão reforçada do grupo, a solidariedade, a paixão e o desejo de vencer dão novamente sentido e atração à vida. (Minois, 2018, p. 11)

Também havia a questão da motivação socialmente aceita para os atos. Quando um camponês cometia o suicídio buscando fugir do estado profundo de pobreza, era considerado covarde, mas quando um nobre morria buscando salvar sua honra e cometia o ato, era considerado heroico e exemplo (Minois, 2018). O que se mantém em comum é a profunda contrariedade da Igreja à ideia do suicídio, condenando-o como um dos maiores pecados a serem cometidos contra Deus. O peso da religião nas épocas antigas, e talvez ainda hoje, tornava mais delicada a possibilidade de esclarecimento sobre o assunto. Já na literatura, o tema foi amplamente explorado de forma que o tornou romantizado, retratado como o sacrifício final em nome de um sentimento maior, como um amor avassalador não correspondido.

Hoje, apesar de uma facilidade muito maior em encontrar tais informações, ainda existe uma dificuldade em consegui-las de forma realmente completa e clara, ainda devido ao estigma que este tema carrega. A Organização Mundial da Saúde (OMS) argumenta em documento³ informativo que “dada a sensibilidade do assunto – e a ilegalidade do comportamento sucedida em alguns países – é provável que a subnotificação e a má classificação sejam maiores problemas para o suicídio do que para a maioria das outras causas de morte”.

³Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839). Acesso em: 16 de maio de 2019.

O último folheto⁴ informativo *online* em relação ao Suicídio feito pela OMS e pela OPAS, divulgado em agosto de 2018, divulga os seguintes números: 800 mil pessoas cometem suicídio por ano no mundo, ou seja, uma morte ocorre a cada 40 segundos, sendo 75% dos casos em países de renda baixa e média. Em 2016, o suicídio foi a segunda maior causa de morte entre jovens de 19 a 25 anos.

Indo mais a fundo, segundo informações disponibilizadas pelo Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE) por ocasião do projeto⁵ “Vidas Preservadas – O MP e a Sociedade pela Prevenção ao Suicídio” criado em 2018, 11 mil pessoas por ano, em média, no Brasil cometem o suicídio, sendo 79% homens e 21% mulheres. Já no Ceará, acontece o maior número de ocorrências de suicídios no Norte e Nordeste, sendo o quinto estado do Brasil no *ranking* de suicídios. Entre 2011 e 2015, 5600 cearenses cometeram a morte voluntária.

Esses números podem se tornar muito maiores se considerarmos a grande possibilidade de um ato de suicídio não ser classificado como tal nos registros oficiais. Exemplificando, uma pessoa que voluntariamente colide o carro e vai a óbito tem sua morte classificada como acidente de trânsito e não como suicídio. Há também os inúmeros casos de tentativas de suicídio que não chegaram às vias de fato.

Justamente pelo estigma, muitos preferem manter esse ato em segredo, até que tentem de novo com sucesso. Tudo isso colabora para que uma nébula se forme em torno do tema, contribuindo para a criação de mitos e romantismos. Algumas dessas crendices foram derrubadas já pelo trabalho extenso feito pela OMS com o documento *Preventing suicide: A global imperative*⁶, sendo alguns destes os mais comuns:

“Uma vez suicida, uma pessoa nunca deixará de ser suicida”.

MITO. O desejo pelo suicídio normalmente é motivado por uma situação específica em um momento temporário. Apesar dos pensamentos suicidas poderem voltar, eles não são permanentes e uma pessoa com um histórico suicida pode viver uma vida longa e normal. (OMS, 2014, p. 47).

“Falar sobre o suicídio é uma má ideia e pode ser interpretado como encorajamento”.

⁴Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 14 de maio de 2019.

⁵Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/12/20180442-folder-Vidas-Preservadas.pdf>. Acesso em: 02 de junho de 2019.

⁶ Disponível em: https://www.who.int/mental_health/suicide-prevention/world_report_2014/en/. Acesso em: 30 de maio de 2019.

MITO. Devido ao amplo preconceito em relação ao suicídio, muitas pessoas que sofrem com ideações suicidas não sabem a quem pedir ajuda. Ao contrário de encorajar o ato, dialogar abertamente sobre o assunto pode mostrar ao indivíduo outras alternativas para solucionar a crise em sua vida, além de dar tempo para a pessoa repensar essa decisão e, conseqüentemente, desestimular o pensamento suicida. (OMS, 2014, p. 65).

Notamos como dois aspectos ganham destaque na tentativa de queda dos dois mitos citados acima: o rótulo de permanentemente ser classificado como alguém que está decidido a cometer suicídio e o diálogo sobre o assunto ser um estimulante para consumir o ato, o que fortalece o argumento que este artigo traz de que a imprensa pode ser um canal de esclarecimento para o público sobre o suicídio. Ambos também apontam para um fator comum que tem forte influência em quem possui alguma ideação suicida, no caso o impulso. Salienta-se a necessidade de uma fonte de informação segura, confiável, rápida e de linguagem humanizada para dar apoio para qualquer sujeito que sinta um rompante em cometer o suicídio e busque algum tipo de explicação ou informação sobre este sentimento. Seguindo, temos outros mitos esclarecidos, como:

“Apenas pessoas com problemas psicológicos são suicidas”.

MITO. O comportamento suicida indica profunda infelicidade, mas não necessariamente um distúrbio psicológico. Muitas pessoas com algum problema psicológico não são afetadas por pensamentos e ideações suicidas assim como nem todas as pessoas que cometeram o suicídio tinham algum problema psicológico. (OMS, 2014, p. 53).

“A maioria dos suicídios ocorre subitamente sem nenhum aviso”.

MITO. A maioria dos suicídios foi precedida por sinais, sejam verbais ou comportamentais. Logicamente, muitos suicídios ocorrem sem aviso prévio, mas é importante prestar atenção se alguém está dando algum tipo de sinal e reconhecê-los o mais cedo possível. (OMS, 2014, p. 29).

Erroneamente pode-se acreditar que o suicídio é apenas uma consequência de transtornos ou distúrbios psicológicos, o que acaba colaborando para um estigma de que apenas sujeitos com algum tipo de “loucura” seriam vítimas de tal desordem, inibindo o desejo de busca por ajuda por medo de algum tipo de julgamento. Relacionado diretamente a isso, os sinais que indicariam que alguém esteja passando por algum momento de crise são disfarçados. A quebra destes dois mitos influencia diretamente na campanha de prevenção, ao explicar como o ímpeto pelo suicídio não é necessariamente uma “sentença de morte”. Por fim, os últimos mitos citados são:

“Uma pessoa suicida está determinada a morrer”.

MITO. O que ocorre é o contrário: pessoas suicidas usualmente estão ambivalentes em morrer ou viver. Alguém pode impulsivamente

ingerir veneno, por exemplo, e morrer alguns dias depois, mesmo que no fundo ela desejasse continuar vivendo. O acesso ao apoio emocional na hora certa é fundamental para prevenir o suicídio. (OMS, 2014, p. 43).

“Pessoas que falam em se suicidar não pretendem se suicidar de verdade”.

MITO. Pessoas que falam em suicídio podem estar buscando ajuda e tratamento. Um número significativo de pessoas que estão contemplando o suicídio está passando por ansiedade, depressão e falta de esperança, e podem acreditar que não existe outra opção além de tirar a própria vida. (OMS, 2014, p. 15).

Destaca-se aqui a necessidade de empatia para com quem sofre com alguma ideia suicida. Ao trazer esclarecimentos e isentar qualquer pessoa que passe ou tenha passado por algum episódio relacionado ao suicídio de rotulações negativas, a imprensa poderia colaborar diretamente com a campanha de prevenção, cimentando um espaço aberto e sem tabus que resulte no diálogo sobre o assunto.

04. A relação do Suicídio com a Imprensa

Quando Robin Williams, ator de carreira sólida e ícone do meio artístico da comédia, teve sua morte divulgada como suicídio, um choque foi sentido até por quem não acompanhava sua carreira. O que foi retratado foi um homem que sofria profunda depressão, uma informação equivocada que foi desmentida pela própria esposa⁷, que revelou que ele se matou enforcado com o próprio cinto no banheiro de casa. Também houve uma abordagem quase poética da imprensa em relação ao ocorrido, expondo alguém que apesar de estar sempre provocando as risadas dos outros, que já havia ganhado prêmios e tinha um trabalho a ponto de ser lançado, por dentro sofria em silêncio.

Esse é um perfil que dificilmente alguém, qualquer que seja a classe, idade ou religião, não se identifique. As palavras usadas podem causar um sentimento de admiração e semelhança com o estado próprio, especialmente se é um sujeito já com ideias suicidas e/ou com algum distúrbio que afete a saúde mental. Além disso, ainda se revelava nas notas após o falecimento do ator, o método usado para consumir o ato, algo de fácil acesso a qualquer pessoa.

Logo, o indivíduo que sente familiaridade com o caso questiona a si mesmo: se ele cometeu suicídio, por que eu, que sofro muito mais, não posso, se é tão “fácil”?

⁷Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/mulher-de-robin-williams-comenta-morte-nao-foi-depressao-que-o-matou.html>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

Surge, então, a ignição da imitação, cujo conceito viria a ser mais conhecido como “Efeito Werther” (Phillips, 1974), termo cunhado pelo sociólogo David P. Phillips.

Em 1774, aos 25 anos, o escritor alemão Goethe lança “Os Sofrimentos do Jovem Werther”, no qual o protagonista atira em si mesmo depois de um amor malsucedido, uma obra inspirada por um amigo que sofreu da mesma desilusão. Depois da publicação, houve vários relatos de jovens que cometeram suicídio usando o mesmo método e até carregando um exemplar do livro junto ao corpo na hora do ato, ocorrências que eram destacadas na imprensa com detalhes.

No entanto, de acordo com Minois (2018), não foi o ato de ter escrito um livro de ficção que fez com que Goethe se tornasse “responsável” por uma epidemia de suicídios, mas a abordagem dada e a linguagem usada pela comunicação da época. A discussão é ampliada no trabalho⁸ de Ana Filipa Almeida sobre o Efeito Werther, publicado no ano 2000, em que busca entender melhor o conceito da imitação, citando outros fatores como:

As semelhanças entre as características específicas do modelo e as do observador (...) mesmo na aprendizagem a partir de modelos simbólicos. O fato de um modelo pacífico ou subversivo estarem disponíveis também parece ser importante. Em determinadas circunstâncias (por exemplo, em estados motivados), pode-se recorrer à estratégia comportamental adquirida pela observação (...) mesmo se já tiver decorrido algum tempo após a observação ter sido efetuada. (ALMEIDA, 2000, p. 38)

Voltando para Phillips (1974), este explica que o grau de publicidade dado a uma história de suicídio correlaciona-se diretamente com o número de suicídios subsequentes. O sociólogo também argumenta sobre a influência da televisão no comportamento suicida, demonstrando que o número de suicídios aumentou significativamente até dez dias depois da TV noticiar algum caso. Minois (2018) também destaca que durante o período da “doença inglesa”, entre 1680 e 1720, época de crescimento anormal de ocorrências do suicídio, a imprensa foi uma das intensificadoras do tal efeito.

Em 1704 (Minois, 2018), os principais jornais ingleses chegavam a quinze mil exemplares distribuídos, com isso ocorrendo de duas a três vezes por semana, e destacava-se nos boletins de suicídio casos mais peculiares, dando detalhes, exibindo

⁸ALMEIDA, Ana Filipa. **Efeito Werther**. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v18n1/v18n1a03.pdf>>. Acesso em: 30 de maio de 2019.

relatos, cartas de despedidas e outros aspectos sensacionalistas, como fotos, exibição das causas e das circunstâncias em que ocorreu o ato.

O especialista em saúde mental e prevenção do suicídio e co-presidente da *International Media and Suicide Task Force*, Dan Reidenberg, afirmou durante um seminário virtual⁹ ocorrido em seis de abril de 2017, voltado para o treinamento de jornalistas para pautar o suicídio:

"O contágio do suicídio a partir de notícias em meios de comunicação é real. Um aumento no número de suicídios logo após a cobertura da mídia tem a ver com a frequência das notícias, sua colocação, imagens, detalhes dos meios utilizados e a linguagem utilizada". (REIDENBERG, 2017)

Estabeleceu-se, então, uma regra que permanece até hoje nas redações de jornais: não se fala ou se pauta o suicídio. Mas o que parecia a solução acabou contribuindo para a formação do tabu de falar sobre o assunto. Generalizando, o trabalho do jornalista é coletar o máximo de informações sobre algo ou alguém por meio de fontes corretas e confiáveis, editá-las e divulgá-las para o público. Tudo isso de forma imparcial.

Há pautas, porém, em que o envolvimento do jornalista pode se tornar mais profundo, seja por motivos profissionais ou humanos. O suicídio é um exemplo de pauta que exige uma atenção redobrada, o que não o impede de ser pautado, como as próprias OMS e OPAS já explicaram ao lançarem o documento *Preventing suicide: A resource for media professionals*.

Ainda, a professora de jornalismo, especialista em responsabilidade social e mestra em Política Pública e Planejamento, Ana Márcia Diógenes, reitera essa sugestão durante realização de entrevista no dia treze de maio de 2019 diretamente para os fins dessa pesquisa:

“Se hoje existe esse esclarecimento, então passa a haver uma luz para os jornalistas em como abordar o assunto, o que deve ser amplamente divulgado nas faculdades e redações para que os alunos possam aprender desde cedo e os profissionais possam se reciclar. Assim, com a divulgação correta, pode-se quebrar esse tabu e as pessoas podem se sentir compelidas a procurar ajudar e se sentir amparadas. O medo de falar sobre o suicídio é tão grande que perdemos a oportunidade de esclarecer o assunto para um número maior de pessoas.”

⁹Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5395:opas-capacita-jornalistas-das-americanas-sobre-cobertura-responsavel-do-suicidio-para-prevenir-contagio&Itemid=839). Acesso em: 17 de maio de 2019.

Acreditamos, portanto, que quando a mídia, que só pode funcionar com liberdade, censura a si mesma por medo, perde sua credibilidade e sua função social. Dificuldades e obstáculos que antes poderiam tornar difícil a apuração de uma pauta mais delicada, hoje podem ser evitadas com o devido treinamento e cuidado. Torna-se interessante e oportuno que a Imprensa se modernize não só no campo da tecnologia, mas também no regulamento que a guie para um trabalho final ético.

05. Manual de instruções para jornalistas sobre como pautar o suicídio

O Jornalismo possui importante papel na sociedade, proporcionando informação e noticiando fatos que atualizam o cidadão sobre a situação de sua cidade, estado, país e acontecimentos no mundo, portanto tendo grande influência nas decisões e comportamentos sociais. Exatamente por ter essa função e por seu histórico de luta pela liberdade de expressão, com destaque na história brasileira para o período da ditadura militar, entre 1964 até 1985, que, ao seu término, culminou na criação da Constituição de 1988, torna-se contraditório que a Imprensa adote um comportamento que acaba colaborando com a continuidade de tabus em relação ao suicídio.

Conforme artigo publicado pelo autor Bruno Viudes Fiorillo no *site JusBrasil*¹⁰, acompanhando o seu raciocínio, é possível perceber que:

Para que a imprensa possa cumprir o seu papel na sociedade, é imprescindível que ela seja livre de interdições e censuras, mas ela não pode ser ilimitada e ausente de responsabilidade, haja vista que ser livre significa ser responsável, uma vez que ao assumir a liberdade o indivíduo assume a responsabilidade originada dela. (Fiorillo, 2015, s/p)

É fato que o tema possui diversos obstáculos no momento da apuração, como a intromissão de alto teor pessoal em relação à vítima e ao seu relato, a possível recusa de familiares em falar sobre o assunto e o risco de que o modo como casos públicos de suicídio são noticiados podem incentivar mais suicídios, podendo causar assim um possível contágio. Isso, no entanto, não deve justificar a ausência de discussão sobre o assunto, e sim uma busca por preparo para tratar pautas dessa natureza com respeito, atenção e clareza, conforme já argumentado neste artigo.

Buscando auxiliar no desenvolvimento dessa discussão, a OMS lançou em 1999 o programa intitulado *Suicide Prevention Program (SUPRE)*, que se trata de uma

¹⁰ Disponível em: <https://brunovfadv.jusbrasil.com.br/artigos/185532154/os-limites-da-liberdade-de-imprensa-no-estado-democratico-de-direito>. Acesso em: 26 de junho de 2019.

iniciação mundial para prevenir o suicídio, e, como parte dos inúmeros recursos e manuais preparados para grupos sociais e profissionais considerados relevantes para esta questão, foi criado, no ano 2000, o documento *Prevenção ao Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia*.

Os autores do manual buscam, acima de tudo, guiar os meios de comunicação para uma abordagem sobre suicídio de forma ética, correta e informativa, como é dito no documento: “O relato de suicídios de uma maneira apropriada, acurada e cuidadosa, por meios de comunicação esclarecidos, pode prevenir perdas trágicas de vidas”. (OMS, 2000, p. 05).

5.1. Dicas de fontes e detalhes na abordagem do suicídio

Para conseguir informações corretas sobre a ocorrência de tentativas de suicídio, é necessário recorrer a fontes que possuam dados claros sobre o assunto, uma vez que o número de casos costuma ser subestimado. O motivo disso varia de acordo com o modo como o assunto é tratado em cada país, que podem ser estigmas, fatores políticos e sociais e regulações de agências seguradoras, o que significa que alguns suicídios podem ser registrados como acidentes ou mortes por causa indeterminada.

A OMS estima, por meio do documento *Prevenção ao Suicídio: Um Manual para Profissionais da Mídia* (2000), que o suicídio é subestimado numa taxa de 20-25% na faixa de idosos e 6-12% em outras faixas etárias. Todavia, não existem registros oficiais de comportamentos suicidas não fatais, uma vez que apenas 25% daqueles que tentaram cometer suicídio procuram algum tipo de ajuda médica.

Algumas fontes que o manual sugere para obter dados corretos e confiáveis sobre a mortalidade por suicídios são: Organização Mundial da Saúde (OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), Instituto Inter-Regional das Nações Unidas para Investigações sobre Criminalidade e Justiça (UNICRI), Rede Clínico-Epidemiológica Internacional (INCLEN), Sociedade Internacional para a Prevenção da Negligência e Abuso Infantil (ISPCAN), INTERPOL, Departamento Estatístico da Comunidade Europeia (EUROSTAT), Banco Mundial, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O manual também aponta para o cuidado com a comparação entre dados de diferentes países, uma vez que os procedimentos de registro desse tipo de dado variam

amplamente de país para país, comprometendo seriamente qualquer comparação direta. Usualmente, as taxas de suicídio são expressas com o número de mortes por 100 mil habitantes no período de um ano. Já para populações abaixo de 250 mil habitantes, costuma-se usar números absolutos.

Uma vez que toda a apuração foi feita, o jornalista se vê diante de uma outra dificuldade: como redigir a notícia de forma que não transpareça generalização, insensibilidade e incentivo à imitação? Apesar de qualquer tipo de pauta pedir esses cuidados, o tema do suicídio em si requer uma atenção extra. Não podemos esquecer que a grande questão deste tema não ser noticiado é a possibilidade disto poder impulsionar novas tentativas, incentivando a permanência do tabu.

Para auxiliar o jornalista nesta questão, há, dentro do próprio manual da OMS, dicas e recomendações de como noticiar o suicídio em geral, que seriam:

- As estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente;
- Fontes de informação confiáveis e autênticas devem ser usadas;
- Comentários improvisados devem ser feitos cuidadosamente, a despeito das pressões de tempo;
- Generalizações baseadas em fragmentos de situações requerem atenção particular;
- Expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas;
- Deve-se abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade. (OMS, 2000, p. 07).

O tratamento para notícias de casos específicos de suicídio também exige cuidado especial. As dicas e recomendações que o manual dispõe são:

- A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio.
- Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional

acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade. (OMS, 2000, p. 07-08).

Estas recomendações se relacionam com o primeiro exemplo dado sobre o caso do ator Robin Williams, que se trata de um caso que bem se relaciona com a problemática envolvendo a imprensa e sua abordagem imprecisa em relação ao suicídio, por isso damos destaque a esse caso em específico. Muitos dos equívocos que aqui são recomendados que não sejam feitos foram executados por vários meios de comunicação ao redor do mundo durante a cobertura de seu falecimento, causando um choque mais abrangente entre o público. Ainda seguindo com as recomendações do manual, temos:

- O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribui para o suicídio pode ser útil.
- O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual. (OMS, 2000, p. 08).

Ainda que seja um tema de difícil compreensão, como já dito neste artigo, o treinamento e estudo sobre o suicídio ajudam a obter a clareza e sensibilidade pertinentes para pautar o assunto sem que haja riscos de contágio e que mostre ignorância e/ou indiferença em relação ao assunto. Diversos manuais estão disponíveis na internet, com colaboração direta de associações e cooperativas de saúde, para ajudar a guiar o profissional de imprensa a lidar com tal pauta, como o manual que está sendo estudado neste artigo. Continuando, temos ainda as seguintes orientações:

- As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima e nos sobreviventes em termos de estigma e sofrimento familiar. A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida.
- A descrição das consequências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão. (OMS, 2000, p. 08).

Por fim, reiteramos que a primeira função do Jornalismo seria o auxílio para com a sociedade. Sua função não é apenas noticiar algo, mas também disponibilizar, ao cidadão, alternativas para buscar ajuda para tal perturbação envolvida naquele fato em

questão na notícia. Portanto, para notas envolvendo suicídio, o manual também destaca que é importante disponibilizar:

- Listas de serviços de saúde mental disponíveis e telefones e endereços de contato onde se possa obter ajuda (devidamente atualizados);
- Listas com os sinais de alerta de comportamento suicida; esclarecimentos mostrando que o comportamento suicida frequentemente associa-se com depressão, sendo que esta é uma condição tratável;
- Demonstrações de empatia aos sobreviventes (familiares e amigos das vítimas) com relação ao seu luto, oferecendo números de telefone e endereços de grupos de apoio, se disponíveis. Isto aumenta a probabilidade de intervenção por parte de profissionais de saúde mental, amigos e família em momentos de crises suicidas. (OMS, 2000, p. 08)

Ainda que a parcialidade seja mais um tópico delicado no jornalismo, é possível demonstrar humanização nas abordagens que envolvam o suicídio sem que necessariamente seja uma opinião pessoal do meio de comunicação ou do jornalista. Lembramos que o profissional da imprensa também é parte da sociedade, estando sujeito às mesmas ideias suicidas e, portanto, experiente na linguagem humana empática.

5.2. Resumo de Recomendações

Após essas informações, podemos resumir todas as recomendações que o manual disponibiliza para a elaboração de notícias da seguinte forma para fins de organização:

- Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.
- Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem-sucedido”.
- Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.
- Destacar as alternativas ao suicídio.
- Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.
- Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida. (OMS, 2000, p. 09).

Já, seguindo a sequência do manual, as recomendações sobre o que não é aconselhado executar resumem-se em:

- Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.
- Não informar detalhes específicos do método utilizado.
- Não fornecer explicações simplistas.
- Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.

- Não usar estereótipos religiosos ou culturais.
- Não atribuir culpas. (OMS, 2000, p. 09).

Em suma, reiteramos que com um guia de instruções criado por entidades mundiais de saúde, não acreditamos que ainda existam justificativas para que ainda se perpetue o medo em pautar o suicídio. Por meio deste único documento é possível adquirir vários ensinamentos de como noticiar o tema, guiando os jornalistas para a quebra do tabu de pautá-lo. É necessária agora a aspiração dos profissionais de comunicação e dos grandes veículos de imprensa para atualizar-se e colaborar na elucidação sobre o suicídio. Um projeto longo e delicado, mas possível e urgente.

Considerações Finais

As consequências diretas da falta de discussão sobre o suicídio, após estudo e discussão trazidos neste artigo, são expostas como: perpetuação de informações incorretas, preconceito, o desespero do sujeito que sofre com ideações suicidas, etc. Sendo vítima da própria falta de informação sobre o assunto, este sujeito maximiza seu sofrimento e chega a cometer várias tentativas, muitas vezes em segredo, até atingir seu objetivo, deixando questões sem resposta para os entes queridos.

Com o advento da tecnologia e da superexposição, tornou-se uma característica desta nova geração evidenciar um constante estado de euforia e prazer, conseqüentemente exibir um estado contrário disso acarreta possíveis julgamentos que causam um desgaste emocional que não se tem ideia de como tratar.

Essa é uma conjunção que todos estamos sujeitos a sofrer, mas que reprimimos em nós mesmos e nos outros. Nessas horas a ideia de tirar a própria vida surge como uma falsa luz e é aí que toda a informação correta sobre o assunto é necessária para ajudar a não se iludir com o sádico alívio que ela promete dar. A Imprensa tem uma capacidade para trazer a informação que pode ajudar a prevenir o suicídio de acontecer, mas, para isso, ela não deve mostrá-lo secundariamente em pautas diversas ou em notícias sensacionalistas, e muito menos ocultá-lo a todo custo.

Toda a apuração feita nesse artigo permite concluir que é infundado o mito de que a propagação de notícias que envolvam suicídio apenas incentiva o processo de imitação, mas sim contribui para a falta de consciência e diálogo sobre o assunto. Os devidos cuidados na elaboração da notícia são suficientes para torná-la uma aliada na prevenção do suicídio, que é um problema de saúde pública grave e já foi irresponsavelmente ignorado o suficiente.

O jornalista, assim como qualquer outro, é um profissional que deve superar suas próprias limitações para ajudar a comunidade, dando-lhe informações verídicas e bem redigidas que irão, de alguma forma, ajudá-la a obter o conhecimento necessário para, por exemplo, solucionar uma dificuldade em sua vida. Se existe um preconceito sobre um assunto, então é atraente para o jornalista dissecar este tema e trazê-lo o mais esclarecido possível para a consciência de todos.

É com esse tipo de notícia que se exerce a maior beleza da profissão: a oportunidade de fazer com que aquela simples nota faça a diferença na vida de alguém, trazendo para o público que consome o jornalismo as informações que mais precisava, mas não sabia aonde ou a quem recorrer. E, no caso do suicídio, uma simples nota bem redigida e feita com sensibilidade pode, literalmente, salvar uma vida.

Referências Bibliográficas

BOTEGA, N. J. (Org.). **Comportamento suicida**: conhecer para prevenir, dirigido para profissionais de imprensa. São Paulo, SP: Associação Brasileira de Psiquiatria. 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. Editora Martin Claret, 1ª edição, 2014.

MINOIS, Georges. **História do Suicídio**: A sociedade ocidental perante a morte voluntária. Editora Unesp, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção ao Suicídio**: Um Manual para Profissionais da Mídia. SUPRE, Genebra, 2000.

_____. **Preventing Suicide**: A Global Imperative. Ed. WHO, Luxembourg, 2014.

PHILLIPS, David P. **The Influence of Suggestion on Suicide**: Substantive and Theoretical Implications of the Werther Effect. *American Sociological Review*. 1974.

SILVA, Ana Beatriz. **Mentes Depressivas** - As Três Dimensões da Doença do Século. Editora Principium, 2016.

TRIGUEIRO, André. **Viver É A Melhor Opção** - A Prevenção do Suicídio No Brasil e No Mundo. Ed. Correio Fraternal, 2015.